



Biograph



EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA: TRABALHO SOBRE SI MESMO, ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO E TRANSFORMAÇÃO

Nathalia Urbano Canal
Universidad del Rosario, Bogotá, Colômbia
nathalia.urbano@urosario.edu.co

Habiendo pasado así cuarenta años de mi vida, descontento de mí mismo y de los demás, buscaba inútilmente el modo de romper los lazos que me mantenían atado a esa sociedad que tan poco estimaba y me encadenaba a las obligaciones que menos eran de mi gusto con necesidades que, creyendo naturales, no eran sino de mi opinión. De pronto una feliz ventura vino a iluminarme sobre lo que tenía que hacer conmigo y lo que debía pensar de mis semejantes, acerca de los cuales mi corazón estaba en constante contradicción con mi mente y a los que, por las mismas razones, me seguía sintiendo tan inclinado a amar como a odiar. Querría, señor, poder describirle este momento que representa en mi vida una época tan singular y que siempre recordaré por más que viva eternamente.

Iba a ver a Diderot, entonces preso en Vincennes, y llevaba en el bolsillo un Mercurio de Francia, que me puse a hojear durante el trayecto. En esto, topo con la proposición de la Academia de Dijon que dio lugar a mi primer escrito. Si alguna vez hubo algo parecido a una inspiración súbita, ésa fue la conmoción que sentí al leerla. De repente mi mente se deslumbra con mil luces; multitud de ideas surgen a la vez con tal fuerza y confusión que dan conmigo en una turbación indescriptible. Sentía en mi cabeza un aturdimiento semejante al de la borrachera. Una violenta palpitación me oprimía, me hinchaba el pecho y, no pudiendo ya respirar al andar, me dejé caer bajo uno de los árboles de la avenida, donde pasé una media hora en tal grado de agitación que, al levantarme, me di cuenta de que la delantera de mi chaqueta estaba mojada por las lágrimas que sin darme cuenta derramaba. ¡Ay, señor! Si alguna vez pudiera escribir la cuarta parte de lo que vi y sentí bajo aquel árbol, con cuánta claridad habría mostrado todas las contradicciones del sistema social, con qué fuerza habría expuesto todos los abusos de las instituciones, con qué sencillez habría demostrado que el hombre es bueno por naturaleza y que sólo por esas instituciones se hace malo

J.J Rousseau
Fragmento de la Segunda Carta al Señor Malesherbes
12 de enero de 1762

Veía un ángel cabe mí hacia el lado izquierdo, en forma corporal, lo que no suelo ver sino por maravilla (...) En esta visión quiso el Señor le viese así: no era grande, sino pequeño, hermoso mucho, el rostro tan encendido que parecía de los ángeles muy subidos que parecen toso se abrasan. Deben ser los que llaman querubines (...) Veíale en las manos un dardo de oro largo, y al fin del hierro me parecía tener un poco de fuego. Este me parecía meter por el corazón algunas veces y que me llegaba a las entrañas. Al sacarle, me parecía las llevaba consigo, y me dejaba toda abrasada en amor grande de Dios. Era tan grande el dolor, que me hacía dar aquellos quejidos, y tan excesiva la suavidad que me pone este grandísimo dolor, que no hay desear que se quite, ni se contenta el alma con menos de Dios. No es dolor corporal sino espiritual, aunque no deja de participar el cuerpo algo, y aun hartos.

Teresa de Ávila
Libro de la Vida
Capítulo XXIX

Quais os elementos e processos que definem às experiências significativas, caracterizam-nas e tornam-nas particulares e diferentes de outros acontecimentos?

Referir-se à experiência significativa é referir-se a um processo que começa com algo que foge de nosso controle, algo que não estava planejado e que nos atinge de maneira radical através de uma ruptura da cotidianidade e da harmonia que, por períodos, caracteriza nossa vida. Passar por uma experiência significativa implica percorrer um caminho que vai da interrupção da rotina, da crise ou da quebra, até a conquista do equilíbrio ou até a conquista do significado.

A experiência significativa é uma unidade, um percurso (uma aventura de perigo e risco) que tem uma estrutura de fases identificáveis em que emoções, desejo, vontade, sentimento e pensamento participam e em que o que foi, o que é e o que será relacionam-se.

É um processo em que o conjunto todo dos aspectos cognitivo, emocional e volitivo misturam-se; um processo em que se estabelece uma relação entre passado, presente e futuro que se vincula com a compreensão e o significado atingidos quando a experiência vira expressão.

Um passado que ajuda à compreensão do presente, um presente que transforma e re-significa o passado e um futuro que ajuda a dar forma à ação no presente. Uma relação entre passado, presente e futuro que contorneia planos, condutas e ações que se tornam compreensíveis somente pelas particularidades da passagem e da travessia que essa experiência implica.

Estas particularidades conferidas às experiências significativas as tornam eventos particulares após os quais, como assinalado por Jay (2009), acontece uma transformação ou uma mudança. Segundo este autor, algo novo acontece após uma experiência para que este termo seja significativo, “uma “queda” da inocência, a aquisição de um novo saber, um enriquecimento da vida ou uma amarga lição sobre suas loucuras” (Jay, 2009, p.21, tradução livre).

Embora a experiência significativa seja um processo pessoal e íntimo, ela não contempla um sujeito autorreferente e isolado. Seja entendida como uma parte vinculada com um todo (como assina Dilthey), como uma relação entre sujeito e objeto (como afirmado por Dewey) ou como um processo de crise e reparação dentro de um grupo (como falado por Turner), a experiência significativa não acontece sem a irrupção de “algo” que não é nem pertence ao sujeito; de “algo”, como assinala Larrosa (2006), que é exterior, estrangeiro, uma coisa diferente do sujeito ou, em outras palavras, de algo completamente e radicalmente “outro”.

A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento, ou em outras palavras, o passar de algo que não sou eu. E “algo que não sou eu” significa também algo que não depende de mim, que não é uma projeção de mim mesmo, que não é o resultado de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações, nem de meus sentimentos, nem de meus projetos, nem de minhas intenções, é algo que não depende nem de meu saber, nem de meu poder, nem de minha vontade. “Que não sou eu” significa que é “outra coisa que eu”, outra coisa que não é o que eu digo, o que eu sei, o que eu sinto, o que eu penso, o que eu antecipo, o que eu posso, o que eu quero (Larrosa, 2006, p. 88, tradução livre).

Assinala Jay sobre o mesmo assunto:

Por mais que interpretemos a experiência como uma possessão pessoal (...) inevitavelmente ela é adquirida através de um encontro com a outredade, seja ela humana ou não humana. Isto significa que, independente da maneira como seja definida, uma experiência não pode limitar-se a duplicar a realidade prévia de quem sobreleva-a [a experiência] e deixar o indivíduo no lugar que estava antes (Jay, 2009, p. 20-21, tradução livre)

São vários, então, os aspectos que definem às experiências significativas. Elas são:

- processos provocados por uma crise ou uma ruptura da rotina e do fluxo da vida.
- Travessias que possibilitam o entretencimento e a relação entre passado, presente e futuro.

- Passagens a través das quais é conferido sentido e significado ao acontecido no passado e ao que acontece no presente.

- Estruturas e unidades de significado, claramente identificáveis, que têm um início e um desfecho caracterizado pela expressão do acontecido.

- Eventos que provocam algum tipo de transformação e mudança.

- Processos a partir dos quais se definem planos, condutas e ações.

- Passagens que implicam um encontro com um “outro”.

As experiências significativas, assim definidas, diferenciam-se daquela noção de experiência que aparece nos recentes desenvolvimentos sociológicos que resgatam a noção de experiência (como por exemplo os dos autores Danilo Martuccelli e François Dubet). A experiência significativa não é uma experiência vinculada exclusivamente com fenômenos sociais produto de processos estruturais e comuns a todos os indivíduos, como assinala Martuccelli. A experiência significativa também não é um processo que se refere exclusivamente a um trabalho de combinação de lógicas de ação, nem é produto unicamente daquelas situações em que o ator não se sente identificado com o estabelecido pelo sistema, como afirma Dubet.

A experiência significativa é singular, é uma passagem que não necessariamente implica uma atividade de tipo estratégico e é o resultado de uma crise que pode não estar associada a uma falta de identificação com o disposto pelo sistema.

As experiências significativas podem ser entendidas como acontecimentos que marcam um antes e um depois na vida daquele que passa por ela. Essas experiências têm esta particularidade porque eles irrompem no fluxo da vida e rompem com o cotidiano, fragmentam a continuidade das rotinas e deixam sem solo as certezas e os planos do presente e do futuro daquele que as padece.

Tratam-se de experiências que, diferentemente de outras que também fazem parte da vida, levam o sujeito a um retorno e a um trabalho sobre si mesmo, assim como a uma busca da compreensão do acontecido no presente que se alimenta de uma volta ao passado e de uma projeção ao futuro. Processos subjetivos complexos acompanham este movimento todo. Processos que se enriquecem e atingem seu momento mais álgido quando o acontecido é expressado, quando o sujeito tem a oportunidade de relatar-se e de contar sua vida, porque é nesse momento que a compreensão e o sentido da passagem são atingidos.

Tratam-se de um tipo particular de experiência na medida em que provoca transformações e mudanças, ou seja, na medida em que deixam o sujeito num lugar diferente àquele em que estava antes da ruptura acontecer.

As experiências significativas, pelo mencionado até agora, vinculam-se com processos subjetivos, íntimos, pessoais e singulares; com processos que provocam mudanças naquele que os vivencia e cujo sentido é atribuído quando o sujeito da experiência narra e conta o acontecido.

Porém, são processos cujos efeitos vão além do sujeito. “Passam” por ele e transformam-no, mas também manifestam-se em ações que se projetam no mundo, que afetam a interação do sujeito com outros e que, por tanto, atingem a sociedade.

A partir do assinalado até agora, elaborarei uma exposição orientada a responder uma pergunta fundamental: como relacionar as experiências significativas com a ação? Como estabelecer um vínculo entre elas?

No olhar sociológico contemporâneo sobre a ação, particularmente naquelas teorias que, como as desenvolvidas por Bourdieu, Latour e Giddens, têm o propósito de superar as dicotomias, as experiências significativas não são consideradas como um processo vinculado à ação nem como fonte de transformações ou mudanças dos esquemas de ação ou dos fluxos de ação.

A ação, nestas teorias sociológicas, é considerada como resposta esperada e como produto de disposições adquiridas que, por sua vez, estão determinadas por condições estruturais e objetivas (Bourdieu), como associação, vínculo ou relação entre atores (humanos e não-humanos) (Latour) ou como poder e capacidade de transformação dos indivíduos (Giddens).

Os aspectos considerados como determinantes da ação nestas concepções são de diferente índole.

Na ótica de Bourdieu, caracterizam-se por pertencer ao nível do estrutural e das condições objetivas. No caso de Latour, por se tratar de aspectos que se vinculam com as distorções e as modificações que os atores no papel de mediadores introduzem no curso de uma ação. Finalmente, em Giddens, por serem aspectos que se relacionam com o saber tácito que os agentes têm sobre o mundo e com duas capacidades: a capacidade para controlar reflexivamente sua conduta (e a dos outros) e a capacidade para apresentar as razões de seu fazer no âmbito do discurso.

Nesses desenvolvimentos conceituais sobre a ação não há um espaço que seja conferido especificamente às experiências significativas.

A importância que Bourdieu confere às estruturas objetivas em Bourdieu, a ênfase nas consequências da participação dos atores (humanos e não-humanos) em Latour e o interesse exclusivo nas práticas rotinizadas em Giddens são as principais razões da ausência da noção de experiências significativas nas suas teorias. Os aspectos relacionados com a dimensão subjetiva da ação, ou não são considerados como no caso de Bourdieu e Latour, ou são considerados para entender a forma como operam nas práticas cotidianas e rotinizadas, como no caso de Giddens.

O interesse de Bourdieu, de Latour e de Giddens foca-se, respectivamente, na maneira como os condicionamentos estruturais são adquiridos e na maneira como esses condicionamentos se manifestam nos pensamentos e nas ações dos agentes; no rasto que deixam os atores e na incidência que eles têm no curso de uma ação; e na maneira como se criam e se re-criam as rotinas.

Os condicionamentos objetivos que caracterizam a teoria de Bourdieu deixa sem espaço a abordagem de aspectos fundamentais das experiências significativas: o trabalho do sujeito sobre si mesmo, os processos subjetivos que acompanham esse trabalho, a construção de significado através da narrativa e as mudanças que provoca a passagem que implica uma experiência significativa.

O subjetivo em Bourdieu fica em todo momento determinado pelas condições estruturais. Os aspectos que compõem o nível do subjetivo são, para esse autor, produto da interiorização do externo e, neste sentido, não há possibilidade de falar de sujeitos, mas sim de agentes determinados pelas regras do campo social. Na medida em que não existem sujeitos, as explicações e a narrativa sobre si mesmo não são mais do que uma ilusão, pois aquilo que confere unidade, sentido e significado ao narrado são os mecanismos sociais e as condições objetivas.

Por fim, com Bourdieu não é possível pensar a mudança como resultado de um trabalho sobre si mesmo nem como produto de uma passagem caracterizada por processos subjetivos.

Na perspectiva de Latour a ênfase está colocada nas consequências da participação dos atores (os rastros que eles deixam no fluxo de uma ação) e no que acontece no curso de uma ação quando os autores se associam. O interesse do autor é seguir os atores, não para compreender seus próprios processos e a incidência que esses processos têm na ação, mas para estabelecer aquilo que para Latour é o fundamento da ação: o jogo de relações que se criam entre atores. Na medida em que o alvo do interesse não são os atores mas aquilo que acontece além deles (entre eles), os processos subjetivos, o trabalho sobre si mesmo e o sentido que se atinge como resultado desses processos perdem relevância.

Porém, há em Latour alguns elementos conceituais que possibilitam pensar a experiência significativa e sua relação com a ação.

Em primeiro lugar, porque Latour confere relevância àqueles momentos de quebra do cotidiano como momentos reveladores para entender os mecanismos que se ativam no curso

de uma ação, os atores que aparecem e as ações que se geram. Embora essa ideia seja proposta pelo autor para estabelecer a incidência dos atores não-humanos no curso de uma ação, considero que, com ela, se abre um espaço para pensar as experiências significativas (como processos que decorrem desses momentos de ruptura e crise do corriqueiro).

Em segundo lugar, porque existe em Latour um conceito que contribui para abordar o nosso assunto, levando-se em consideração sua complexidade e totalidade. Trata-se do conceito de mediação.

Na ótica de Latour, o conceito de mediação se refere à conexão entre entidades ou atores humanos e não-humanos, mas também se refere ao "meio", ao "entre" e ao "e". Refere-se ainda à transformação, tradução, distorção, desvirtualização e modificação. Refere-se também às mudanças que aparecem quando acontece um encontro entre duas ou mais entidades, quando ocorrendo uma relação. É um conceito que permite abranger o imprevisível e o inesperado de uma relação, indo além de explicações de causa e efeito.

Minha proposta é resgatar esse conceito para nos aproximarmos da compreensão das experiências significativas e da ação a partir de uma perspectiva relacional¹, focando o interesse na(s) relação(ões), geradas no(s) processo(s) que acompanham as experiências significativas, entre o sujeito da experiência e seu contexto, *entre* o sujeito e os outros, *entre* o sujeito e si mesmo.

Ora, com Latour e seu conceito de mediação é possível pensar nas transformações e nas mudanças das ações. Porém, a fraqueza do autor neste ponto é que a mediação em si mesma fica sem ser explicada. O autor não oferece ferramentas conceituais para entender como acontece a mediação e quais são os mecanismos que operam quando ela aparece e, neste

¹ A perspectiva relacional a que me refiro está baseada na concepção do agente e da estrutura, do indivíduo e da sociedade, já não como entidades ou elementos independentes, estáveis, separados e anteriores a qualquer relação, mas como realidades que obtêm seu ser por meio das relações que se estabelecem entre elas. Esta perspectiva refuta tanto a tese do social ou da sociedade como a explicação de tudo, quanto a tese da dimensão individual como fonte de informação para a caracterização e explicação da realidade social. “Diferentemente de outras perspectivas, o enfoque relacional considera as relações entre termos e unidades como dinâmicas por natureza, como processos em constante desenvolvimento e em curso, no lugar de vínculos estáticos entre substâncias inertes” (Emirbayer, 1997, p. 289, tradução livre). Uma análise relacional rejeita a definição de unidades predeterminadas e entende o indivíduo na sua relação com os contextos em que está inserido, a sua consciência como um processo dialógico, relacional, como consciência *de* algo e sua identidade como algo que se constitui quando outros indivíduos lhe reconhecem e lhe dão um nome (Emirbayer, 1998).

sentido, o principal efeito da mediação, que é a transformação do curso de uma ação, torna-se impassível de ser compreendido.

Por fim, em relação aos pressupostos de Giddens, considero importante salientar três assuntos. O primeiro, é que os conceitos desenvolvidos por esse autor ajudam a entender um tipo particular de ação, aquela que é repetida e rotinizada. O interesse de Giddens concentra-se na produção e reprodução daquelas práticas que pertencem ao nível do cotidiano. Esta característica diminui desde o início a possibilidade de pensar, a partir dos elementos conceituais desse autor, nas experiências significativas e seu vínculo com a ação, na medida em que a origem dessas experiências é precisamente a ruptura da rotina e a quebra do fluxo do cotidiano.

O segundo assunto é que, embora Giddens se refira ao assunto da transformação dos esquemas de ação, ele não consegue desenvolver a forma como esses esquemas se transformam e são reformulados pelos agentes. Os agentes tornam-se em reprodutores e repetidores de práticas e as capacidades atribuídas a eles (monitoramento reflexivo, consciência prática e consciência discursiva) aparecem como habilidades para os agentes conseguirem se desenvolver exclusivamente no fluxo corriqueiro e rotinizado do dia a dia.

Giddens tenta conferir ao agente a capacidade de transformar, concedendo-lhe algo de liberdade através do que define como reflexividade. Porém, seu agente não possui a capacidade de invenção de possibilidades novas de pensamento e ação, pois ele é principalmente um reprodutor de rotinas.

Embora a teoria de Giddens apresente essas dificuldades para a compreensão das experiências significativas e seu vínculo com a ação, há nela dois conceitos que se relacionam, de algum modo, com elementos constitutivos das experiências significativas: o monitoramento reflexivo e a consciência discursiva.

Esses dois conceitos referem-se às capacidades dos agentes refletidas nas ações do seu dia a dia. O monitoramento reflexivo se relaciona com o conhecimento que os atores têm de sua

ação e dos contextos em que acontece a ação. Implica uma compreensão tanto da conduta individual, quanto da conduta dos outros e dos contextos.

Esse conceito de Giddens é interessante por duas razões. A primeira, porque com ele se rejeita a concepção de que o comportamento humano é resultado de forças que os atores não controlam nem compreendem. A segunda, porque uma de suas características é sua dependência em relação à linguagem, na medida em que a linguagem é entendida como elemento mediador da capacidade reflexiva dos agentes e da compreensão que têm de si mesmos, dos outros e do contexto.

O monitoramento reflexivo entendido como a capacidade que os agentes têm de compreender o que realizam, implica também a capacidade de dar razões de seu fazer no âmbito do discurso. Essa capacidade dos agentes de fazer uma narrativa das próprias atividades e das razões de seu agir é denominada por Giddens como consciência discursiva. Esta consciência é a habilidade dos agentes de colocar coisas em palavras quando alguém lhes pergunta pelas razões de suas condutas.

Com esses dois conceitos, Giddens abre um espaço àquilo que está ausente nas perspectivas de Bourdieu e Latour: a contribuição do trabalho individual à ação. O reconhecimento dessa dimensão, através desses dois conceitos, é fundamental para a compreensão das experiências significativas. Isto, na medida em que com eles é possível nos aproximarmos de dois de seus elementos constitutivos: o trabalho que o sujeito da experiência realiza sobre si mesmo e a narrativa como meio para atingir a compreensão.

Porém, tanto o monitoramento reflexivo quanto a consciência discursiva não abrangem a complexidade desses dois elementos constitutivos das experiências. O trabalho sobre si mesmo vai além do controle da própria conduta a que se refere o monitoramento reflexivo, assim como a narrativa, entendida como a expressão e o desfecho da experiência significativa, vai além da capacidade de dar razões sobre o próprio agir.

Tanto a noção de experiência significativa, quanto o vínculo que ela tem ou pode chegar a ter com a ação não têm um lugar nos desenvolvimentos teóricos de Bourdieu, Latour e Giddens. A questão sobre a forma pela qual vinculam-se experiência significativa e ação não

tem possibilidade de ser respondida a partir dessas perspectivas, na medida em que, para estabelecer esse vínculo, é preciso prescindir do suposto do determinismo estrutural, perguntarmos-nos pelo que está aquém dos rastros que um ator deixa no curso de uma ação e focar a atenção mais nas rupturas do que nas rotinas.

Os autores, neste sentido, não abrangem a transformação do sujeito nem a noção da experiência significativa e sua implicação na ação.

Proponho estabelecer um vínculo.

Um vínculo entre experiência significativa e ação enquadrado numa análise da ação concedendo um lugar privilegiado àqueles momentos que implicam uma ruptura do fluxo da vida e que são identificados pelos sujeitos como acontecimentos que lhes permitem falar de um antes e um depois.

Um vínculo entre experiência significativa e ação para resgatar o componente subjetivo das ações que se associa com o trabalho sobre si mesmo e com a atribuição de sentido que propiciam esses momentos de ruptura que são as experiências significativas.

Trata-se, neste sentido, de uma compreensão da ação a partir de seu vínculo com os processos subjetivos, com o trabalho sobre si mesmo e com a busca de sentido e de significado que um ser humano realiza quando é atingido por uma experiência significativa.

Proponho o estabelecimento de um vínculo entre experiência significativa e ação, principalmente, para abrir caminhos de compreensão da ação que resgatem a dimensão subjetiva e criem um cenário para pensar nas razões e nos processos que incidem nas transformações dos esquemas de ação e, por tanto, da sociedade.

Ora, por que pensar que tal vínculo contribui dessa maneira para a busca da compreensão da ação e da mudança social?

Primeiro, porque ele nos diz sobre o que acontece em termos de desenho, projeção e realização de ações quando algo não esperado, não planejado ou não rotinizado interrompe o fluxo da vida.

Segundo, porque as experiências significativas têm a característica de ser processos reveladores da dimensão subjetiva. O retorno a si mesmo que essas experiências provocam no sujeito, a busca de sentido e de significado que elas geram, a revisão e a relação entre passado, presente e futuro que elas movimentam no sujeito estão ligados a um trabalho interno e subjetivo que tornam visível o que de outra maneira ou em outro contexto não aparecem com tanta clareza.

Terceiro, porque as experiências significativas são processos *desestruturantes*. Tiram o sujeito de seu lugar e levam-no a uma passagem, deixando-o, depois disso, em um lugar diferente. Já nada volta a ser igual para ele. Algo se transforma e muda após uma experiência significativa. A particularidade de provocar mudanças que têm as experiências significativas, tornam-nas fontes preciosas para compreender processos de transformação e, neste sentido, fontes preciosas para indagar sobre a incidência que elas têm ou podem chegar a ter nas mudanças dos esquemas de ação e sua projeção no mundo.

Trata-se de estabelecer esse vínculo a partir da definição das experiências significativas como processos que conferem significado às ações, como espaço em que as ações são realizadas e projetadas, e como lugar de transformação e de mudança de esquemas de ação.

Há nos trabalhos do sociólogo Mustafa Emirbayer, junto com Ann Mische e do historiador Edwar Palmer Thompson, duas concepções de ação que considero importante assinalar aqui para ampliar minha argumentação.

Emirbayer e Mische (1998) elaboram sua reflexão ao redor da seguinte questão: o que é *agency*? A resposta desenvolvida pelos autores se enquadra numa perspectiva “relacional”. A agência é entendida como um processo que se desenvolve em relação com e como resposta às contingências de cada momento e às demandas de cada contexto e situação. A forma como, nessa resposta, aparece a orientação temporal da ação (uma ação fundamentada no passado,

uma ação fundamentada na projeção de trajetórias alternativas ou uma ação fundamentada na resolução dos dilemas emergentes no presente) depende da particularidade das situações em que os atores estão inseridos.

Diferentes tipos de situação e de contextos geram diferentes tipos de agência. Neste sentido, a agência é entendida como processo que implica uma relação permanente do ator com seu cenário e como resposta gerada diante das particularidades de cada contexto.

A minha proposta de vincular experiência significativa e ação se relaciona com essa definição de agência desenvolvida por Emirbayer e Mische, na medida em que se trataria de identificar a maneira em que a situação concreta de ruptura, que caracteriza a experiência significativa, incide na projeção, definição e consecução das ações daquele que passa por ela.

Há, por sua vez, na crítica que E.P. Thompson elabora ao estruturalismo althusseriano, um vínculo entre experiência e ação que ajuda igualmente a ampliar meu argumento.

A experiência para Thompson se refere àquilo que é vivenciado, à resposta mental ou emocional de homens e mulheres em determinados eventos. Porém, a experiência é entendida principalmente como relação e como mediadora entre os processos de produção e a consciência, entre o ser social e a consciência social² (Nicolazzi, 2004)

[...] o que muda, assim que o modo de produção e as relações produtivas mudam, é a experiência de homens e mulheres existentes [...] a transformação histórica acontece não por uma dada “base” ter dado vida a um ‘superestrutura’ correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas idéias e valores humanos e de serem questionadas nas ações e crenças humanas (Thompson, 2001, p.260-262).

² No trabalho elaborado por Thompson sobre o surgimento da classe operária, o autor define a classe como uma relação delineada segundo as experiências (vinculadas com sentimentos, percepções, valores e ideias) vivenciadas por pessoas, homens e mulheres, reais. A consciência de classe, nessa perspectiva, deixa de ser entendida como produto das condições econômicas, para se tornar um resultado da mediação exercida pela experiência em relação com as condições de produção.

Embora Thompson, em seu trabalho, não se refira em particular à experiência significativa, o que resulta interessante de salientar é o vínculo que ele estabelece entre experiência e ação. O autor desenvolve uma visão da ação humana por meio da introdução da experiência como espaço de ação, em que o "vivenciado" permite às ações acontecerem e em que o "dado" é questionado.

Relacionada a essas ideias desenvolvidas por Thompson, minha proposta é um convite para nos arriscarmos a pensar na relação e no vínculo entre experiência significativa e ação, definindo as experiências significativas como espaços em que as ações tomam lugar, como processos que conferem significado às ações e como passagem a partir da qual os esquemas de ação são questionados e transformados.

Para a compreensão do vínculo entre experiência significativa e ação, proponho uma indagação nos seguintes termos:

- A relação entre passado, presente e futuro enquadrada no processo da experiência significativa.
- A identificação dos esquemas de ação que aparecem como referentes na realização e projeção das ações antes, durante e após a experiência significativa.
- A atribuição de sentido e significado atingida no desfecho da experiência significativa.

Quatro questões podem orientar a indagação sobre esses aspectos³:

- Quais são os esquemas de ação, incorporados pelo sujeito, ativados e aplicados no processo? Quais são as experiências anteriores que aparecem no processo? Como o passado

³ A minha proposta de análise da forma como passado, presente e futuro aparecem e vinculam-se em uma experiência significativa e de análise da forma como aparecem as transformações dos esquemas de ação, baseiam-se nas contribuições para a análise da agência realizada pelo sociólogo americano Mustafa Emirbayer. Segundo este autor, o vínculo entre passado, presente e futuro e a orientação das ações que surge deste vínculo como resposta às demandas das situações em que os atores agem são as características fundamentais da agência. A agência para Emirbayer (1998) é um processo, informado pelo passado e orientado ao presente e ao futuro, que responde às particularidades de cada contexto e que implica uma relação permanente do agente com seu cenário.

é articulado?⁴ (Estas perguntas podem ser respondidas na medida em que exista um reconhecimento da capacidade do sujeito para relacionar, focar sua atenção e reconhecer a similitude entre o que está acontecendo no seu presente e suas experiências passadas).

- Quais são os cursos ou trajetórias da ação imaginados e projetados pelo sujeito? Quais são os sentimentos e emoções (expectativas, medos e desejos) do sujeito em relação ao futuro? Quais os esquemas de pensamento e ação que são reconfigurados a partir das projeções e dos sentimentos sobre o futuro? (A busca de respostas a estas questões torna-se possível na medida em que se reconheça uma capacidade do sujeito para se afastar dos esquemas de pensamento e de ação incorporados e para imaginar possibilidades em relação ao futuro).
- Qual é a análise e o julgamento práticos que realiza o sujeito na escolha de cursos de ação para responder às demandas da situação e do contexto concreto do presente em que acontece uma ruptura de sua cotidianidade? (Estas perguntas propõem-se na medida em que exista um reconhecimento da capacidade de julgamento e de escolha do sujeito diante de contextos que implicam crise, ambiguidade e incerteza).
- Qual é o sentido e o significado concedidos pelo sujeito a sua experiência e às ações vinculadas a ela?

Considero que a chave para responder essas perguntas encontra-se na própria definição do que é uma experiência significativa. Este tipo de experiência, por se tratar, em primeiro lugar, de um processo pessoal, íntimo e singular em que passado, presente e futuro se vinculam e, em segundo lugar, por se tratar de uma estrutura ou de uma unidade em que a expressão é seu desfecho, sugere para sua compreensão um método que permita nos aproximarmos aos aspectos subjetivos, ou ao sujeito da experiência, através da escuta do que esse sujeito tem para nos dizer sobre os processos, o sentido e o significado vinculados a sua experiência.

⁴ Como assinalado por Gagnebin (2006), baseando-se em Benjamin, nós, seres humanos, não descrevemos o passado, articulamo-nos; o encontro com o passado implica um lembrar ativo em busca da compreensão e do esclarecimento acerca do que aconteceu e do presente.

Isto implica, como primeira medida, definir outras unidades de análise, de compreensão e de acolhimento. No lugar da ação, focar a compreensão na experiência significativa e, no lugar do ator e do agente, acolher o sujeito.

Quando no percurso de um ser humano o fluxo da vida se interrompe por uma quebra ou uma crise da rotina, estamos diante de um momento crucial em que o indivíduo torna-se sujeito pelo trabalho que, como consequência deste quebra, realiza sobre si mesmo.

Assina Larrosa quando se refere àquele que passa por uma experiência:

A experiência é o que me passa. Não é o que faço, mas o que me passa. A experiência não se faz, mas se padece. A experiência, portanto, não é intencional, não depende de minhas intenções, de minha vontade, não depende de minha vontade de fazer (ou padecer) uma experiência. A experiência não está perto da ação, ou da prática, ou da técnica, mas está perto da paixão (...) esse algo que me passa não tem a ver com a lógica da ação, ou da prática, mas, precisamente, como a suspensão dessa lógica, com sua interrupção (Larrosa, 2006, pp.108-109, tradução livre)

Quem aparece quando a rotina e as expectativas do curso da vida são interrompidas é um sujeito que começa uma travessia pessoal e interna caracterizada por um trabalho sobre si mesmo que o leva por um caminho de compreensão até atingir o sentido e o significado do acontecido⁵.

⁵ Gostaria de apresentar aqui algumas questões que, embora estejam além dos propósitos da minha análise e das disciplinas referenciadas até agora neste texto, considero fundamentais na reflexão sobre o assunto da experiência em geral e da experiência significativa em particular. As perguntas são as seguintes: são todos os seres humanos, sem distinção, capazes de conferir sentido às suas experiências significativas? Qual é o sujeito que é capaz de *ter* uma experiência significativa e realizar um trabalho sobre si mesmo até a compreensão de si e a significação do que lhe aconteceu? Parece-me que na busca da resposta a essas perguntas a área *psi* tem muito para nos oferecer e, dentro dela, considero o trabalho do psicanalista D.W. Winnicott uma preciosa fonte. Winnicott realiza uma compreensão do ser humano que está além da pressuposição da existência de dois tipos de realidade: a interna (o indivíduo, a psique pessoal) e a externa (o ambiente, a realidade compartilhada, a sociedade, o mundo). Winnicott assinala que existe uma terceira realidade localizada “entre” o interno e o externo à qual denomina “espaço potencial”. A criação desse espaço é um processo que acontece principalmente na relação que se estabelece entre o ser humano quando bebê e sua mãe (ou figura materna) a partir dos cuidados que ela oferece ao bebê e das respostas em mimos e ações para responder às demandas e necessidades do bebê. Da existência de uma “mãe suficientemente boa” (ou seja, uma mãe devota, que se adapta ativamente às necessidades de seu bebê e consegue diminuir essa adaptação à medida que o tempo passa, crescendo no bebê a

Trata-se, neste sentido, de buscar outro caminho de compreensão da ação, procurando, no lugar da explicação da ação em si mesma e da conduta observável, nos aproximar dos aspectos subjetivos da ação. Por meio dessa estratégia, escuta-se o que o sujeito tem para nos dizer sobre os processos de construção do sentido e o significado, vinculados com suas experiências significativas, e sua incidência na projeção, definição e consecução de suas ações.

Isto implica, como segunda medida, desenvolver uma indagação em que a voz seja retornada ao sujeito e em que aquele que indaga (o pesquisador) se disponha a uma escuta particular. Um tipo de escuta que, como assinalado por Maroni, pode ser emprestada da clínica:

“Na clínica, a relação com o outro, com o sofrimento do outro, com o silêncio que grita de dor buscando compreensão, enfim, o acolhimento e a escuta, é o que de fato conta. Escutar com o que no método da psicanálise se chama de “atenção flutuante” –um escutar com a consciência, a atenção e a concentração rebaixadas- é mais “produtivo” porque fornece *insights*, porque cria condições para o inesperado, para o não previsto aparecer. Escuta-se assim por horas a fio, e escuta-se assim aquele que também faz um discurso não previsto, inesperado, que fala de modo livre, espontâneo, não planejado, por vezes sem conexão (...) o analista deve se manter na sessão “sem memória, sem desejo e sem compreensão”, exatamente assim para ser capaz de apreender o novo daquilo que é dito e não ficar tentando enquadrar o que é dito em qualquer esquema que esmague o inusitado” (Maroni, 2008, p.29)

capacidade em lidar com sua ausência e com a frustração que isto gera nele) e do sentimento de confiança que seus cuidados geram no bebê, depende a conformação desse espaço potencial. *Se tudo corre bem*, como assinala Winnicott, e o bebê consegue atingir o estado de confiança na mãe, o espaço potencial que se cria permitirá ao bebê (que depois será criança, jovem e adulto) ter uma disposição em relação à realidade externa, e às experiências que lhe acontecem, caracterizada pela criatividade, pelo brincar e pela atribuição de sentido. Afirma Winnicott (1975, p. 142): “O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo porque é aí que este experimenta o viver criativo” e, poder-se-ia acrescentar, o sentido e o significado do vivido.

Quando conferida a relevância à voz do sujeito na busca da compreensão das ações e das experiências significativas, abre-se um espaço para o sujeito estabelecer um diálogo consigo mesmo e um trabalho sobre si mesmo que prioriza um “eu” dialógico. Um retorno sobre si mesmo em que o sujeito tenta esclarecer o que é na atualidade e o que realizou no passado através da atualização e reinterpretação do que foi a partir do presente (Martuccelli e De Sigly, 2012).

Ao conferir essa relevância ao sujeito e sua fala se reconhece no saber individual um valor sociológico, na medida em que, a través dessa fala, procura-se compreender a forma como sujeito, contextos e situações relacionam-se. A fala do sujeito permite uma aproximação a sua singularidade, interesses, contradições, dúvidas, sentimentos e desejos e até à dimensão emotiva da experiência e da ação.

Com as interpretações que um sujeito realiza de sua própria vida se atinge a compreensão daquelas dimensões que, como assinala Larrosa (1995), referem-se à história interna, complexa e secreta da consciência, àquilo que só o dono dessa consciência pode dizer sobre si mesmo.

Em outras palavras, daquelas dimensões do nível mais pessoal e íntimo que nos aproximam da compreensão da transformação de sim mesmo e sua incidência na ação, quando um sujeito é atingido por aquelas experiências que, como lhe aconteceu a Rousseau⁶, torna-no outro sujeito e que, como lhe aconteceu a Teresa D’Avila, vivenciam-se como uma espada afundando-se no coração e traspassando as entranhas.

⁶ “Así que hube leído esto se abrieron a mis ojos nuevos horizontes y me volví otro hombre” (Rousseau, 1973, p. 321) escreveu Rousseau quando relatava em uma carta, escrita após de 1762, o que lhe aconteceu quando caminhava até Vincennes a visitar a Diderot.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EMIRBAYER, Mustafa e MISCHE, Ann. What is agency? **The American Journal of Sociology**, Vol. 3, No. 4 (January) pp. 962-1023, 1998

EMIRBAYER, Mustafa. Manifesto for a relational sociology. **The American Journal of Sociology**, Vol. 103 (2), pp. 281-317, 1997

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar. Escrever. Esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006

JAY, Martin. **Cantos de experiencia. Variaciones modernas sobre un tema universal**. Buenos Aires: Paidós, 2009

LARROSA, Jorge. Las paradojas de la autociencia. Un cuento, un prólogo y moraleja, según algunos fragmentos de las Confesiones de Rousseau. In LARROSA, Jorge *et. al.* **Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995

----- Sobre la experiència. **Aloma: revista de psicologia, ciències de l'educaió i de l'esport Blanquerna**, no. 19, 2006

MARONI, Amnérís. **E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas**. SP: Idéias & Letras, 2008.

MARTUCCELLI, Danilo e DE SINGLY, François. **Las sociologías del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2012

NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90**, Porto Alegre, v.11, n.19/20, p.101-138, jan/dez, 2004

ROUSSEAU, J. **Las confesiones**. USA: W.M. Jackson, Inc., 1973

THOMPSON, Edwar Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975